

COLÓQUIO
ESTUDOS INTERCULTURAIS, HISTÓRIA & ECONOMIA

**A GLOBALIZAÇÃO LUSÓFONA:
PERSPECTIVAS INTERCULTURAIS**

RESUMOS

Maria de Deus Manso

NICPRI/Departamento de História, Universidade de Évora

“Portugal e as suas migrações: a construção de uma globalidade”

Cada vez mais encontramos estudos científicos que nos fazem reflectir sobre a construção da História e a História da nossa Identidade. Confesso que para mim não é surpresa. Pois, nas minhas lides universitárias cada vez mais me compensa cruzar leituras e aludir a estudos *diferentes*. Como resultado das áreas que lecciono e da investigação desenvolvida, têm-me absorvido as questões culturais no espaço que dantes foi de colonização/circulação portuguesa. Assim, não me contento tanto em ensinar uma história de elites, de instituições, da grande circulação económica ou uma história de vencidos e vencedores, mas indagar sobre assuntos menos *convencionais* para a maioria dos cientistas sociais, como são os temas relacionados com os grupos subalternos da sociedade e o seu contributo para a formação de uma identidade biológica e cultural, numa perspectiva global.

Partindo de um estudo, acabado de publicar de Luísa Pereira e Filipa M. Ribeiro, *O Património Genético Português. A história humana preservada nos genes*, Lisboa, Gradiva, 2010, cujas autoras são uma bióloga e uma jornalista, iremos discorrer sobre a *História Mestiça* - cultural e biologicamente - que caracteriza o povo luso e ver como esta gente, na sequência das descobertas e da colonização, perdurou e desdobrou uma realidade a que, recentemente, nós designamos de globalização.

Comunicação financiada pela FCT (FEDER/POCI 2010).

Miguel Rocha de Sousa

NICPRI/Departamento de Economia, Universidade de Évora

“Globalização económica e lusofonia”

Nesta comunicação procuramos aferir do potencial estratégico da Lusofonia do ponto de vista económico, socorrendo-nos do conceito de Globalização. Focaremos a nossa abordagem na vertente económica, procurando depreender os vectores estratégicos e as vantagens comparativas dessa mesma Lusofonia. Naturalmente, não podemos esquecer a nossa herança cultural histórica dos Descobrimentos, mas procuraremos também centrar a nossa análise no momento presente, sem descurar as vertentes económicas, sociais, políticas e interdisciplinares.

Assim, o paper encontra-se estruturado do seguinte modo: 1) Noção de Lusofonia e Globalização; 2) As especificidades portuguesas; 3) Crise mundial? Crise portuguesa e crise lusófona?; 4) O efeito de escala e a importância do Brasil; 5) Cenário prospectivo da Lusofonia; 6) Conclusão; 7) Referências bibliográficas.

Palavras chave: Brasil, Crise económica, Globalização, Lusofonia, Portugal.

Comunicação financiada pela FCT (FEDER/POCI 2010).

Vitor Teixeira

Escola das Artes/CITAR Universidade Católica Portuguesa – CRPorto

“Representações da Interculturalidade ou Encontro de Culturas na Arte Luso-Oriental”

Através desta comunicação, pretende-se revisitar, numa perspectiva intercultural, integrando o estudos da expressão artística dentro do quadro mais amplo da história da cultura e das mentalidades da expansão e implantação portuguesa no Oriente, algumas das marcas lusíadas, perenes, por um lado, efémeras dentro do possível, por outro, num mundo pluricontinental, geográfica e historicamente diverso. Dito de outro modo, sustentar na expressão artística, num âmbito histórico-geográfico e religioso, os laços, senão os antagonismos, de uma pretensa interculturalidade lusíada

Silvério da Rocha e Cunha

NICPRI/Universidade de Évora

“Tempo Mundial e Domínio na Sociedade Global: Que papel para a Lusofonia?”

A dinâmica imposta pelo processo de globalização tecnoeconómica em curso implica vários pressupostos, entre os quais o de que o sistema internacional planetário vive um mesmo tempo mundial. Tentar-se-á demonstrar no texto que não apenas se trata de um pressuposto sem concretização histórica, mas ainda que a globalização tem vindo a provocar uma progressiva fragilização dos sistemas de integração política e social, que redundam em diversos níveis de violência estrutural. Que papel poderá desempenhar a lusofonia em prol de um verdadeiro diálogo político-cultural entre sociedades diferentes? Qual a sua simbólica política num mundo tornado global pela instantaneidade da comunicação, mas sempre diverso na sua evolução? Eis questões prospectivas a pensar igualmente nesta comunicação.

Comunicação financiada pela FCT (FEDER/POCI 2010).

Sandra Oliveira Sanches

Universidade de Évora

“O ensino superior no espaço lusófono: A construção de um espaço de interculturalidade”

Ao abordarmos o Ensino Superior na sua vertente académica, a Universidade, estamos a enfatizar não só a sua componente pedagógica mas também a sua componente cultural ainda que de uma forma implícita. No entanto, quando abordamos a Universidade dentro do Espaço Lusófono já estamos a acentuar, entre outros, também os laços interculturais. A Universidade no Espaço Lusófono faz-nos pensar de imediato numa cultura comum, numa língua mãe, faz-nos pensar em vários tipos de mobilidade e cooperação.

Num contexto de globalização a Universidade tem desenvolvido acções de cooperação no plano internacional e, em alguns casos, no Espaço Lusófono em particular. Este tipo de cooperação mútua tem-se revelado imprescindível para a construção, autonomia e delimitação de fronteiras do Espaço da Universidade no plano global tendo em conta a importância que assumem as ligações, culturais e socioeconómicas, tão específicas existentes no Espaço Lusófono, onde a Língua Portuguesa desempenha o papel de elo de ligação por excelência.

É importante questionar como se constrói um espaço de interculturalidade dentro de um outro espaço, que por si só, já exhibe uma marca de interculturalidade, o próprio Espaço Lusófono. A realidade da cooperação mútua e a mobilidade de pessoas no Espaço Lusófono são veículos que a Universidade encontrou para a construção do seu próprio espaço intercultural dentro da vastidão cultural que é a Lusofonia. Urge perceber qual é o papel que a Universidade assume no processo de construção intercultural. As Universidades cooperantes do Espaço Lusófono apenas partilham os (seus) valores culturais ou vão mais longe e geram valores intrínsecos, muitos próprios, que

serão base da construção e defesa de um espaço intercultural que ultrapassa os limites do plano académico.

Palavras-Chave: Espaço Lusófono, Interculturalidade, Universidade.

Dario Calzavara

Universidade de Évora

“A política migratória brasileira no final do séc. XIX: A imigração subsidiada e o papel das agências de emigração”

Nas últimas décadas a historiografia sobre a emigração portuguesa para o Brasil conheceu o impulso que a própria dimensão do fenómeno exigia. Entre 1815 e 1914 atravessaram o Atlântico cerca de 50 milhões de europeus e o Brasil constituiu um dos principais destinos desta grande onda humana, principalmente nos últimos quartéis do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX. Entre 1880 e 1924 entraram no Brasil mais de 3.600.000 emigrantes e desses, o segundo grupo étnico, depois dos italianos, foi constituído por portugueses.

Os motivos que levaram esta enorme massa de europeus para o outro lado do Atlântico assentam, além dos clássicos factores de atracção e expulsão de ordem económica, nas estratégias políticas – fruto de uma escolha consciente de um modelo de sociedade – dos estados americanos.

No Brasil, depois da entrada em crise da economia escravagista, tornou-se necessária a substituição dos escravos por trabalhadores assalariados e, conforme às políticas de branqueamento e “civilizadoras” das elites locais, a escolha caiu nos emigrantes europeus que foram preferidos aos provenientes da Ásia.

Em 1881, a província de São Paulo instituiu os primeiros apoios financeiros para subsidiar a imigração europeia. Em 1886 foi fundada a *Sociedade Promotora da Imigração*. Outra sociedade com as mesmas finalidades tinha sido constituído no Rio de Janeiro. Em 1890, a Ley Glycério regulamentou de forma mais orgânica a matéria.

Um papel central para a imigração subsidiada foi desenvolvido pelas agências, públicas e privadas, de emigração. Os agentes viajavam por vilas e aldeias da Europa, promovendo as belezas e riquezas do Brasil para angariar trabalhadores.

Este grande negócio da época, assunto bastante silenciado, constituiu um dos principais alicerces das redes de emigração oitocentistas em articulação com as políticas de emigração de ambos os lados do Atlântico.

Seria interessante analisar este influxo na evolução das correntes migratórias portuguesas, em comparação com as escolhas de outras origens nacionais.

Isabel Pinto

Centro de Estudos Interculturais do ISCAP

“A comunidade macaense em Portugal: Alguns aspectos do seu comportamento cultural”

Os indivíduos que constituem a comunidade de etnia macaense residente em Portugal, têm nacionalidade portuguesa, falam português e fisicamente podem não apresentar grandes diferenças relativamente aos portugueses europeus. No entanto, possuem uma cultura própria euro-asiática que se pode vir a alterar devido à transferência de Macau para a China. Este estudo pretende dar a conhecê-la e servir de incentivo para que os macaenses a preservem e a transmitam aos seus filhos.